

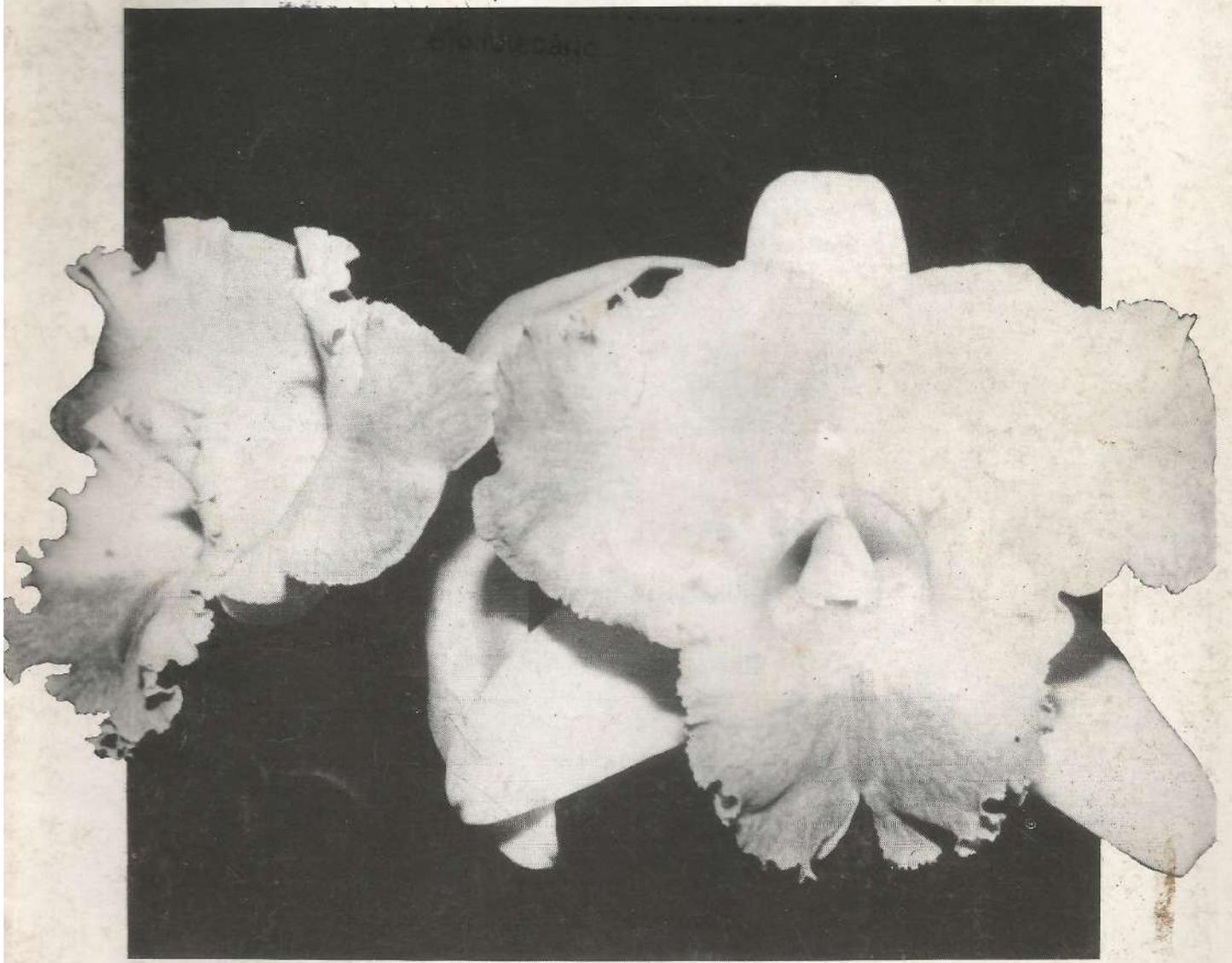
Orquidário

Livro Tombo n.º R.C. 9.....

Obra n.º 20/05/92.....

Volume 3

janeiro/março/1989 n.º 1



Revista oficial
da Orquidário

09

DIRETORIA

Presidente	Alvaro Pessôa	Diretor de Exposições	Helena Eyer
Vice-Presidente	licenciado	Diretor de Julgamento ...	Roberto Agnes
Secretário	Carlos Eduardo B. Pereira	Diretor Técnico	licenciado
Tesoureiro	Raimundo Mesquita	Assistente da Diretoria ...	Antonio A. de Gouvêa
Diretor Social	Hans J. O. Frank	Bibliotecário	José Maria Penido

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editor: Roberto Agnes

Comissão Editorial: Sandra Frank, Carlos A. Gouveia, Waldemar Scheliga, Alvaro Pessôa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente, aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício, tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativo e identificação do fotógrafo, devendo ser identificada a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação deverão ser entregues a Redação com 2 meses de antecedência.

Preços

- 1 — contribuição dos sócios:
 - fundadores e contribuintes: NCz\$6,17, por trimestre e NCz\$24,68, anuidade.
 - correspondentes, residindo fora da cidade do Rio de Janeiro: NCz\$3,09, por trimestre, e NCz\$12,36, a anuidade.
- 2 — números atrasados e avulsos da Revista, sujeitos à disponibilidade de estoque: NCz\$2,00.
- 3 — publicidade, devendo o interessado fornecer o texto e lay-out:
 - página inteira: NCz\$125,00
 - meia página: NCz\$65,00
 - quarto de página: NCz\$35,00

Os preços acima poderão ser alterados por decisão da Diretoria. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência dirigida à Revista deverá ser dirigida ao Editor, Rua Sorocaba n° 122 — Botafogo, CEP: 22271 — Rio, RJ.

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º R 09

Obra n.º

.....
Bibliotecário



ARANDA

ESPÉCIES BRASILEIRAS — HÍBRIDOS — PAPHILOPEDILUMS

VISITE NOSSAS ESTUFAS

Aranda - Plantas, Pesquisa e Comércio Ltda.
Estrada do Quebra Frascos S/Nº - Teresópolis - RJ

EDITORIAL

Duas notícias recentes me causaram certa preocupação. Primeiro a de que Francisco Miranda pedira seu afastamento do cargo de Editor da revista e logo depois o convite da Diretoria para que eu assumisse esse cargo.

Qualquer um que já tenha lido a revista ORQUIDÁRIO entenderá minha preocupação!

O grande empenho de Francisco se refletia na alta qualidade da revista, publicada em seu período como Editor.

Agora a responsabilidade é minha e eu só posso desejar ser capaz de manter esse padrão já alcançado.

Presumo que a maioria das pessoas não esteja ciente do trabalho do Editor ou do tipo de tarefa que ele desempenha nesse tipo de publicação.

Conhece, sim, editores de jornais e seu difícil e acelerado ritmo de trabalho; isso já foi romanceado em vários filmes.

No nosso caso, a pressão não é um problema, já que nossa revista é publicada

trimestralmente. Nosso mais importante encargo é o de encontrar artigos que

satisfaçam o interesse de todos os nossos leitores, mantendo um equilíbrio entre matéria de natureza científica e aquelas de leitura mais informal. Aqui começa o problema. Quantas vezes você já testemunhou um desesperado Editor implorando artigos para o

próximo número?

Ao receber a revista são freqüentes os comentários:

“está muito fina”, “não há artigos suficientes sobre híbridos” ou então “está atrasada” etc, etc. ...

E agora pergunte-se se já colaborou alguma vez com essas publicações.

Imediatamente você pode retrucar que não sabe o suficiente sobre orquídeas, ou que ninguém acharia seu artigo interessante. Eu sei que é esse o processo, porque até escrever

meu primeiro artigo eu era um dos que pensavam dessa maneira. Imagine minha surpresa, quando um

companheiro cultivador me telefonou, para me parabenizar pelo artigo e dizer que todos tinham achado interessante ou que tinham

aprendido alguma coisa com ele. O mais importante de tudo, ao mandar o artigo, foi que me tornei parte integrante da revista. Estou certo de que todos aqueles que contribuíram para essa ou para qualquer outra publicação experimentaram os mesmos sentimentos.

Espero que esse singelo apelo, faça com que se manifeste em nossos leitores talento oculto.

Por fim, como novo Editor espero, com a sua ajuda, alcançar o que pressinto sejam os objetivos desse tipo de publicação: entretenimento e informação.

Índice dos artigos

- Híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus Híbridadores* — 3
Álvaro Pessoa — págs. 5 a 10
Intergenéricos — pág. 11
As espécies de Cattleya
Carl Withner — pág. 12
O cultivo da Dendrobium Tipo Nobile — págs. 13 e 14
-

Conteúdo do próximo número

No próximo número teremos a continuação da série sobre híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus híbridadores. O artigo sobre cultivo tratará do gênero Cattleya sendo essas plantas as mais cultivadas pelos orquidófilos brasileiros. Iniciaremos uma série sobre Paphiopedilum e Augusto Gomes Ferreira nos dará informações sobre coxim e seu uso no cultivo de orquídeas.

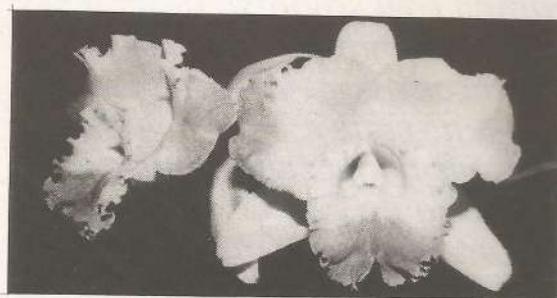
Uma Resposta para todos

Comprei um phalaenopsis numa exposição há três anos. Desde então as folhas têm ficado cada vez menores e parece que a planta vai morrer. Ela é cultivada na varanda da minha casa e recebe bastante luz o dia inteiro.

Marco Lúcio Pinto
Rua da Passagem 226/314
Rio de Janeiro

Talvez a planta esteja recebendo luz demais ou pouca água. Phalaenopsis em geral precisam de pouca luz e 70% de sombra é ideal para essas plantas. Luz forte demais tende a queimar as folhas, cada vez menores. Mude-a para um lugar mais sombreado, o que pode ser a solução. Um outro fator importante é a umidade que pode ser mantida bastante elevada. Borrifando a planta de manhã cedo, nos dias quentes, você criará a umidade de que a planta necessita.

Roberto Agnes



Nossa Capa:

C. Margareth Degenhart "Mars"

Quando os ingleses apresentaram, na década de sessenta, a *C. Bob Betts*, um aprimoramento de *C. Bow Bells* que tem suas raízes em *C. trianaei*, ela passou a servir de coluna vertebral a uma nova linha de hibridação. Não apenas em albos, mas em quase tudo.

C. Margareth Degenhart é cruzada de *C. Bob Betts* com *C. intermedia* "aqui-nii". Dois de seus clones mais famosos, meristemados por Rolf Altenburg, são a "Mars", exibida na capa, e a "Saturn".



Híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus Híbridadores — 3

Álvaro Pessôa

Nos artigos anteriores, procuramos demonstrar as diversas influências exercidas pelos híbridos brasileiros na obtenção de novas cruzas. Fomos ainda incentivados, por cartas esclarecedoras de Ary Marcondes do Amaral, de São Paulo, Leonardo Freitas do Vale, de Recife e Adhemar Manarini, de Campinas, relativas ao passado orquidófilo dos híbridos do Nordeste e de São Paulo. Voltaremos a estes próceres, lembrados pelos missivistas, mais adiante.

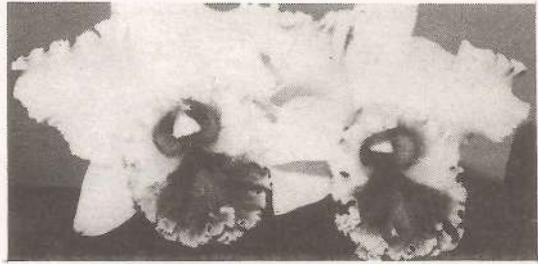
Por ora, parece indispensável estudar, à luz das cruzas oferecidas, a influência das plantas estrangeiras entre nós. Voltemos, novamente, aos Catálogos 10, 11 e 12 da Florália, editados no início da década de setenta. O Catá-

logo 12, por exemplo, oferecia 44 meristemas de plantas estrangeiras para 4 brasileiras. Pior era a relação de “seedlings”. Nada mais nada menos do que 121 seedlings com pai e mãe estrangeiros, para apenas 11 com pai *ou* mãe de plantas nacionais.

*Blc.
Capitão
Pessôa*

Tal tendência prosseguiu em toda a década de setenta e início dos anos oitenta e resistiu durante muito tempo. Tivemos um excesso de influência de plantas estrangeiras em nossa orquidofilia. Basta ler, ainda hoje, as listas oferecidas, para constatar o fato. Somos mais propensos à compra de meristemas estrangeiros do que de nacionais. Até bem pouco, éramos forçados a adquirir cruzas de matrizes estrangeiras, por absoluta falta de opção. Desta tendência não escaparam os orquidários comerciais em geral: o Dracenense, de Noboru Suzuki, a Florália e o de Ihony Suzuki de Itaquera. Isto entre os ainda existentes, porque entre os já extintos a tendência era a mesma.

Fugiu a esta tendência geral, é bem verdade, o Orquidário Binot, ainda an-



tes de Maurício Verbonem ter assumido sua direção técnica, e ter então ampliado as fronteiras da especulação, com cruzas baseadas em plantas nacionais, utilizando, amplamente, plantas rupícolas e exóticas em suas cruzas.

Observe-se, mesmo, que a utilização em cruzas, de plantas nacionais, e a obtenção de intergenéricos, veio antes como uma tendência importada, do que um movimento genuinamente nascido entre nós. Para exemplificar quanto deixamos de especular e criar com nossas próprias plantas, basta lembrar que o primeiro (e único) cruzamento com *L. sincorana* que vi em minha vida, foi feito por Alexis Sauer e exibido em reunião da ORQUIDA-RIO. Não conheço outro! Nem nunca vi nenhum deles à venda!

É bem verdade que se deu ampla utilização à *C. labiata* (com ela Rolf Altemburg criou uma de suas obras-primas, a *Lc. José Dias Castro*, cruzada de *C. labiata* x *Lc. Sam Soya*), à *C. bicolor*, algum valor à *C. loddigesii* e certamente à *C. trianaei*, que não é espécie brasileira, mas serve de fundamental importância tanto para híbridos primários, como em hibridação de forma geral.

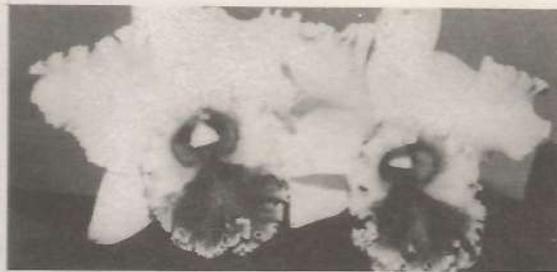
Ao lado das *Cattleyas* utilizou-se o *Sophronitis*, quase que circunscrito ao *coccinea*, sendo que os cruzamentos com o *Soph. roseum* são praticamente ausentes, salvo pelo fato de Maurício Verbonem tê-lo utilizado para produzir cruzas com *L. pumila*, que, aliás, não se revelaram brilhantes.

As *Laelias* ficaram circunscritas à *L. tenebrosa*, que nos deram *Sl. Anzac*; *L. Zip* (*L. tenebrosa* x *L. milleri*); *Lc. Issy* (*L. tenebrosa* x *C. guttata*), alguma utilização de *laelias rupícolas*, como em *L. Icarus* (*L. flava* x *L. cinnabarina*) e mui-

to utilização de *Brassavola digbyana*, que tem o péssimo hábito de gerar plantas sem substância e sustentação, embora agradavelmente perfumadas.

Esta tendência da geração de *Brassos*, encontra-se hoje bastante diluída. As descendentes de *Brassavola digbyana* mantiveram seu delicioso perfume, sem perder a textura, que é muitas vezes excelente, como se verificou em *Blc. Malworth*.

Conforme se viu, as linhas de hibridação seguidas pelos brasileiros, basearam-se durante as décadas de cinquenta, sessenta e setenta, não apenas em plantas estrangeiras, mas sobretudo em obtenção de flores de grandes dimensões e preferencialmente lilazes, magentas, albas e semi-albas. É claro que neste campo não há do que nos queixarmos. Produziram-se lindos híbridos: *Lc. Waldemar Silva* (com utilização de *C. trianaei*); *Bc. Pastoral*; *Lc. José Dias Castro* (com utilização de *C. labiata*); *Lc. João Antonio Nicoli*; *Lc. Washington Luiz* (*Lc. Paradisio* x *C. loddigesii*); *Lc. Miss Brasil* (*C. labiata* x *Lc. Castle of Mey*); *Blc. Guanabara Bay* (*C. labiata* x *Blc. Norman's Bay*) e *Lc. Turandot*. Entre as semi-albas destacou-se a *Lc. Sonia Altemburg* (*C. Enid Alba* x *C. Nerto*), com a qual Rolf homenageou a filha caçula e, mais recentemente, a *Blc. Capitão Pessoa* (*C. Enid Butterfly* x *Blc. Enid Moore* "Magnitude") que atingiu mais de 70% em qualidade de produtos, índice raramente encontrado em "seedlings". Além destas tivemos, também da Florália, a *Blc. Roberto Cardoso* com seu lindíssimo labelo rajado e a *Blc. Pastoral* "Aniel Garnier". No campo do aprimoramento de espécies, Amândio Pinho Caetano cruzou duas *Cattleyas labiata* "semi-alba", Maria Odete com Marina, e obteve



plantas que são verdadeiros híbridos de tão perfeitos, embora sejam espécies.

Em matéria de albas plenas, com utilização de matrizes estrangeiras e alguma influência de *C. loddigesii*, tivemos *C. Rubens Ribeiro*, da Florália, e bons produtos da cruz de *C. loddigesii* "alba" São Carlos com *C. Francis T. C. Au*" Florália. As dominâncias de *C. Bow Bells*, (uma descendência de *C. trianaei*) absolutamente extraordinária, que representou enorme avanço em qualidade para a época, foi decisiva nos anos cinquenta, a ela seguindo-se seu aperfeiçoamento, a *C. Bob Betts*, com clones de prender a respiração, face à sua beleza.

A beleza da flor de uma planta entretanto, não é, definitivamente, indício seguro do seu bom desempenho como padreador. Sempre trabalhamos em hibridação no Brasil, desconhecendo a questão básica dos cromossomas. Usamos, sem saber, e entre si, plantas diplóides, triplóides ou tetraplóides (quando não anaplóides), sem maiores considerações para a importância deste conhecimento. Isto é um erro! *C. trianaei* alba "Aranha Germaske", por exemplo, é provavelmente a alba mais bonita desta espécie, mas nunca foi um sucesso como padreadora conforme demonstrado pelos produtos norte-americanos. Plantas de flores apenas razoáveis, podem ser um sucesso quando utilizadas em cruzamentos. É o caso de *Blc. Kitty Wake* uma semi-alba que reproduz semi-albas cristalinas, ou a magenta *Lc. Hyperion Yamamoto*.

Entretanto não há, no passado brasileiro, registros de que cruzas foram feitas com qual planta específica, o que nos deixa sem registros a respeito daquilo que deu certo e daquilo que não deu. Cruzas registradas em lista de preços,

apenas como *C. warneri* "alba" com *C. labiata* "alba" dizem muito pouco a respeito de que clones foram utilizados. De qualquer forma, sem a utilização da *Sander's List*, que marca o passado, fica difícil acreditar que qualquer trabalho sério possa ser feito em hibridação!

Encontramo-nos, agora, no caminho de obter plantas albas que sejam também multifloras. É com *C. loddigesii*, *C. intermedia* e *C. harrisoniana* que deveremos chegar lá. Ninguém tem matrizes como as hoje disponíveis no Brasil para isto. O que não se pode é perder, novamente a oportunidade.

Em decorrência de cruzas feitas por *Harusi Iwasita*, de *Cotia, S.P.*, com utilização de duas plantas obtidas pelo aprimoramento de *C. loddigesii* alba "São Carlos, (f/2 de São Carlos) foram produzidas e estiveram à venda, dúzias de plantas absolutamente perfeitas e albas como neve. Curiosamente, como conversamos com *Sumio Nakashima* e *Sebastião Nagase* quando da floração delas, as plantas albas já obtiveram um padrão superior ao das plantas tipo, também hoje disponíveis e produzidos pelo próprio *Sebastião Nagase* e por *Amândio Pinho Caetano*, que já têm extraordinária perfeição.

A utilização de *C. intermedia* tem uma certa vantagem sobre *C. loddigesii* na obtenção de híbridos albos multiflora. É que *C. intermedia* não tem qualquer sinal de amarelo no interior do labelo, delas se obtendo produtos branco puro, com *C. Summer Star* "Pureté" hoje meristemada. Nas cruzas, quando se quer produzir flores para certas épocas do ano, é bom não esquecer que, por exemplo:

- a) *C. intermedia* floresce na primavera e não tem amarelo no labelo;
- b) *C. labiata* floresce no verão;



- c) *C. trianaei* floresce no inverno;
- d) *C. warneri* floresce na alta primavera;
- e) *C. mossiae* floresce em plena primavera.

Sem manter estes pequenos detalhes em mente, muitos híbridos já produziram e irão produzir plantas para épocas inadequadas.

Uma verdade deve ser dita, em relação à utilização, no passado, daquele que veio a se tornar, hoje em dia, o gênero mais importante para obtenção de mini-cattleyas: o *Sophronitis*.

O gênero *Sophronitis* esteve sempre fortemente presente na hibridação brasileira. Entre os que o utilizaram, destaca-se o Comendador Max Wunsche, ainda hoje residindo em Campinas, que criou a *Sc. Campinas* (híbrido de *coccinea*) e que depois a retrocruzou várias vezes com *Sophronitis*, obtendo lindíssimos resultados em matéria de cor. O falecido Noboru Suzuki cruzou *Soph. coccinea* com *Lc. José Dias Castro* e criou a *Slc. Suzuki*, um dos coloridos magenta mais bonitos conhecidos.

Ainda nesta linha de *Sophr*, vai-se verificar que *Sl. Anzac*, foi a *Sophr* mais utilizada, no Brasil e no exterior, para obtenção de híbridos de *Sophr*, não apenas por sua beleza, mas pelo seu imenso potencial genético.

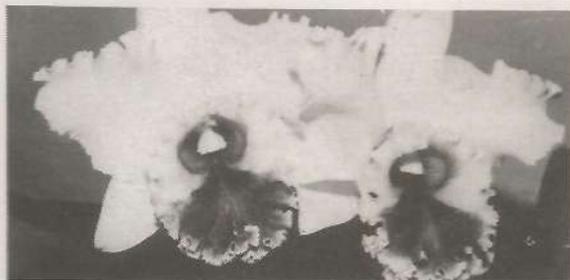
Encontravam-se as coisas neste pé, quando o mundo em geral e o universo orquidófilo em particular, foram sacudidos pela crise do petróleo e os altos custos do preço da energia. Mais uma vez na história do mundo ocidental, os árabes tornaram-se responsáveis por uma grande alteração de tendência, ao elevarem desmesuradamente o preço da grande fonte de energia do ocidente: o petróleo.

Em matéria de cultivo de orquídeas,

nos USA, na Europa e no Japão, onde o custo de aquecimento de estufas é elevado no inverno, a única solução residiu em diminuir o tamanho das estufas, para diminuir o custo do aquecimento. A consequência lógica, é que se tornou necessário diminuir o tamanho das plantas. Da noite para o dia (o que em cultivo de orquídeas pode significar oito anos, considerado um da noite para o dia de "curto prazo") o mercado passou a demandar espécies de pequeno porte e mini-cattleyas). Talvez tenham sido os japoneses, os que primeiro apresentaram esta tendência e nesta direção passaram a caminhar. Já no início da década de oitenta, após trabalharem com espécies brasileiras de pequeno porte, preponderantemente *Sophr*, *Laelia pumila*, *Cattleya walkeriana*, *Laelia crispata* (anteriormente *L. oestemayerii*), *Laelia mileri*, *Laelia briegearii*, os cultivadores japoneses e a colônia *nisei* de São Paulo, apresentava aos orquidófilos uma palheta de cores de mini-cattleyas onde não faltava, também, o uso abundante da *C. intermedia aquinii*".

São desta época as seguintes mini-cattleyas apresentadas ao mercado: *C. interglossa* (*C. intermedia aquinii* x *C. amethystoglossa*); *Sc. Battemaniana* (*C. intermedia aquinii* x *Soph. coccinea*), um híbrido do começo do século, novamente refeito; *Lc. Sparkling Spot* (*L. crispata* x *C. intermedia aquinii*); *C. Angela aquinii* (*C. labiata* x *C. intermedia aquinii*); *C. batalini* (*C. bicolor* x *C. intermedia aquinii*); *Sc. Petite Pride* (*Soph. brevipedunculata* x *C. intermedia*); *Lc. Tropical Pointer* (*Lc. Tropic Glow* x *C. intermedia aquinii*).

Também nos Estados Unidos a tendência ampliou-se. Frank Fordyce criou a *Slc. Hazel Boyd* (*Slc. Apricot* x *Slc.* ►



Jewell Box), hoje com mais de 40 (quarenta) clones premiados. As grandes empresas comerciais norte-americanas, também seguiram a tendência: Armacost & Royston, Stewarts', Houser-mans', Finck Floral, Rod Mc Lelan e Jones & Scully entraram na produção de mini-cattleyas. Mais. Passaram a valer-se de Broughtonia, um gênero compatível com o grupo Cattleya e estão explorando este novo caminho com o maior sucesso.

No Brasil, esta linha foi seguida, fora da colônia japonesa, basicamente por dois híbridos: Maurício Verbonen, do Orquidário Binot e Adhemar Manarini da Equilab. Embora sejam orquidários comerciais que seguem política comercial inteiramente distinta, optaram ambos pela especulação em arte e beleza em plantas pequenas. Por política comercial inteiramente distinta, deve-se entender que para comprar do Orquidário Binot, o cliente normal do mercado brasileiro, precisa fazer força e ter tenacidade. Ali não parece ser feito muito esforço para vender no mercado interno. Deve-se procurar comprar, se possível indo até lá, onde a recepção é sempre gentil. Isto não tira, entretanto, o alto mérito de Maurício Verbonen como híbrido, que além de refazer *C. Peckaviensis* (*C. schilleriana* x *C. aclandiae*) vem cruzando intensamente *Laelias rupícolas*, *Cattleyas fantasia*, *Epidendruns* e *Sophronitis* e tudo aquilo em que é rica a flora brasileira.

Aliás, em matéria de política de mercado, salvo a Florália e a Equilab, e mais recentemente o Morumbi Orchids, que regularmente editam listas de preços e têm uma agressiva política de vendas, o orquidófilo, no Brasil, deve esforçar-se para descobrir onde e o que

comprar. Raramente têm facilidade para fazê-lo!

A Equilab é um fenômeno relativamente novo na orquidofilia brasileira, embora Adhemar Manarini tenha mais de 50 anos de exercício do "hobby". Cristalizando diversas tendências, Manarini conseguiu preparar uma linha de vendas que engloba:

- a) híbridos de alta qualidade;
- b) espécies raras selecionadas e logo meristemadas;
- c) plantas de pequeno porte e indiscutível bom gosto.

Partindo inicialmente para uma agressiva linha de produção de meristemas de espécies brasileiras, o que lhe granjeou inúmeros dissabores, face à mentalidade ainda reinante de que apenas alguns devem deter o monopólio da beleza, a Equilab ofereceu clones de plantas até então inacessíveis ao público.

Posteriormente, convencido de que o futuro da orquidofilia não é — nem nunca poderá ser — apenas produção de meristemas, entrou a produzir linhagens e cores exóticas que breve estarão disponíveis, consolidando uma tendência mundial. Além desta linha, entrou decididamente no campo da cruzada e da autofecundação de espécies, das quais sairão bons resultados brevemente.

O maior mérito da Equilab, porém, além do extraordinário bom gosto de Adhemar Manarini, foi ter revelado um talento em seu laboratório. O talento chama-se Sebastiana Silva, que passou de simples funcionária de linha de montagem da Equipesca, à categoria de artista incomum na produção de meristemas. Pessoa de temperamento tranquilo e, conseqüentemente, complementar da energia esfuziante e criado- ▶

ra de Adhemar Manarini, tornou-se peça indispensável ao sucesso da Equilab, cujo laboratório é, sem favor, com suas quase 300 (trezentas) fórmulas de meio de cultura, o mais eficiente laboratório de cultura de tecidos vegetais, não ape-

nas do Brasil, mas, provavelmente, do mundo.

No próximo número, examinaremos a controvertida questão do meristema e a posição dos hibridadores face à sua propagação em grandes números.



Florália®

Orquidários Reunidos Ltda.

CAIXA POSTAL N.º 100.541
24.000 — NITERÓI - RJ

E S P É C I E S , H Í B R I D O S

E

M E R I S T E M A S

ENVIAMOS LISTA MEDIANTE SOLICITAÇÃO

ABERTA TODOS OS DIAS DAS 8:00 ÀS 17:00

Est. da Figueira, 592
Tel.: (021)719-5800
Niterói 24.000 - Rio de Janeiro
Rua Maestro Octavio Maul, s/n
Tels.: (0242)42-4340 e 43-6050
Petrópolis - Rio de Janeiro

As espécies de Cattleya

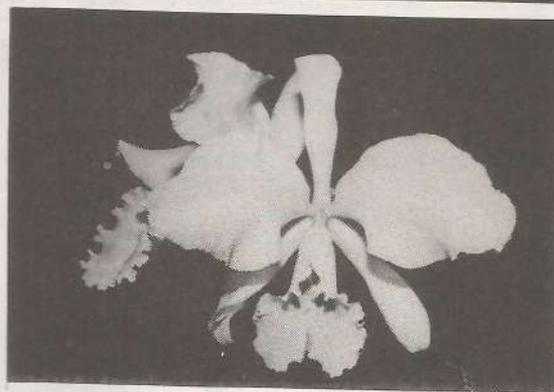
autor: Carl Withner*

(Palestra proferida no II Encontro Latino-Americano de Orquideologia, em Guayaquil, Equador, em 18 de novembro de 1988)

São 51 as espécies de *Cattleya* — duas das quais são originalmente híbridos, *Cattleya guatemalense* e *Cattleya hardyana*.

Existem muitas outras, porém em menor número de exemplos de hibridações naturais, onde a distribuição de espécies dificulta em muito essa chance de híbridos primários, que tem sido multiplicados em cultivo.

Cattleyas foram hibridadas com 14 outros gêneros, de tal forma que presentemente existem 62 híbridos intergenéricos, com este gênero, registrados no RHS (Royal Horticultural Society, Londres, Inglaterra). As Cattleyas estão distribuídas na natureza em duas grandes regiões. A primeira, são as montanhas do Brasil, a maioria locali-



zada paralelamente à costa leste deste País. A segunda acha-se nos Andes, estendendo-se no sentido leste através da Venezuela até Trinidad e no sentido norte através da América Central até o sul do México. A maior parte das Cattleyas acha-se em habitats montanhosos e prefere o frio para se desenvolver, porém algumas têm se adaptado ao calor e as condições de humidade das planícies.

Propõe-se um novo sistema de classificação, baseado nas características da estrutura floral — detalhes do labelo, cor, relativa largura das peças, polínia e hábitos de cultivo — consistindo de 09 subgêneros com 07 seções, como segue:

- | | |
|-------------------------|---|
| 1 — Laelioidea | — dormaniana |
| 2 — Rhizanthemum | — dolosa, nobilior, walkeriana |
| 3 — Cattleya | |
| 3.1 — Seção Cattleya | — eldorado, gaskelliana, jenmanii, labiata, lawrenceana, lueddemanniana, mendelii, mossiae, percivaliana, quadricolor, schroderae, silvana, trianaei, warneri, warscewiczii (gigas) |
| 3.2 — Seção Xantheae | — aurea, dowiana, rex |
| 3.3 — Seção Maximae | — máxima |
| 4 — Stellata | — araguaiensis, iricolor, luteola, mooreana |
| 5 — Circumvolva | |
| 5.1 — Seção Aurantiacae | — aurantiaca |
| 5.2 — Seção Moradae | — bowringiana, deckeri, skinneri |
| 6 — Aclandia | — aclandiae, velutina |
| 7 — Intermedia | — forbesii, harrisoniana, intermedia, kerrii, loddigesii |
| 8 — Schomburgkoidea | — bicolor, elongata, tenuis, violacea |
| 9 — Falcatta | |
| 9.1 — Seção Guttatae | — amethystoglossa, guttata, leopoldii, schilleriana |
| 9.2 — Seção Granulosae | — granulosa, porphyroglossa, schofeldiana |

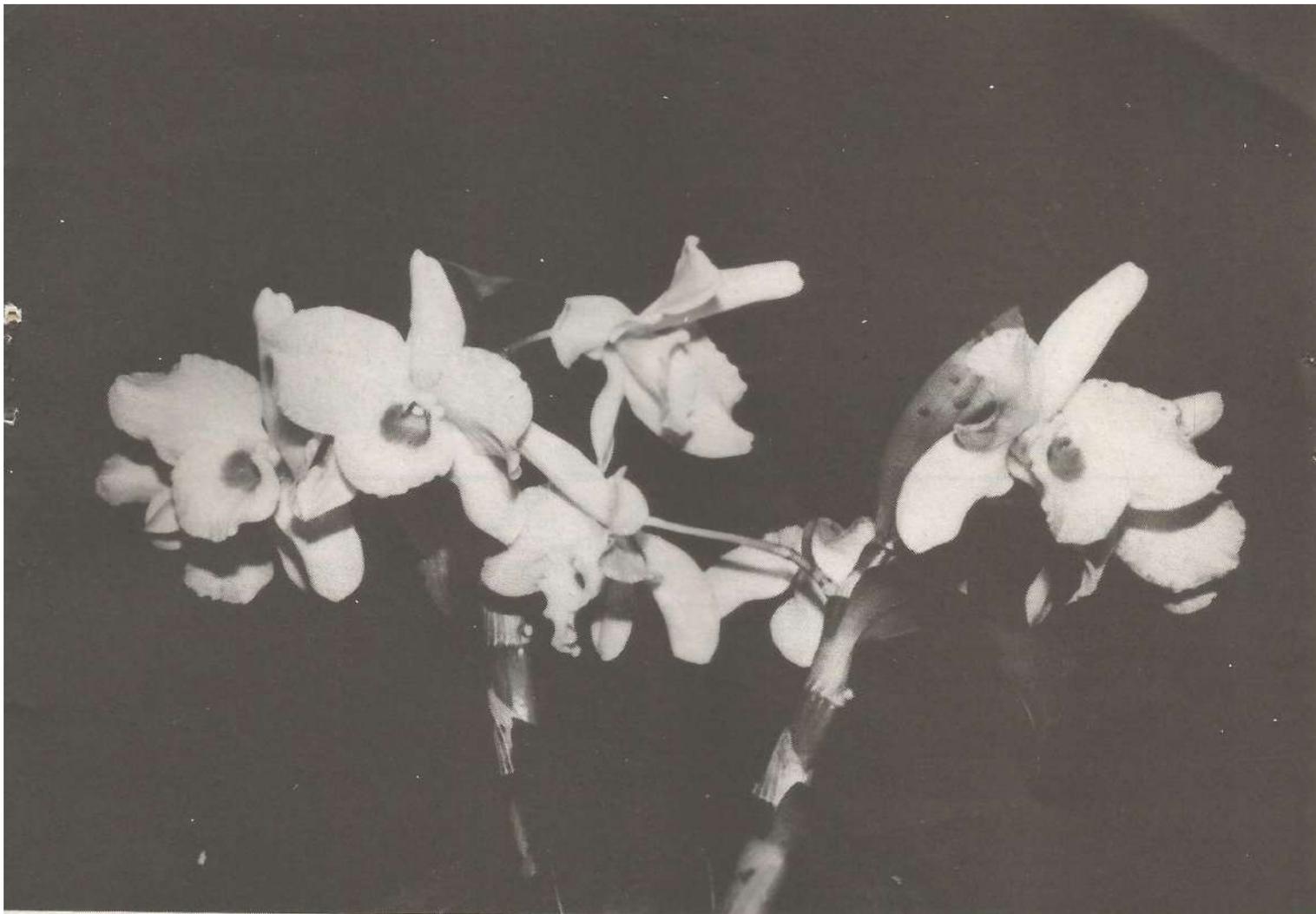
* Carl Withner
2015 Alabama St.
Bellingham,
WA 98226 USA.
— Traduzido
do inglês
por Leonardo
Freitas do Valle
Al. Guarujá, 758
Alphaville Res. 3
06500 — Santana
do Parnaíba
Estado de
São Paulo.

Intergenéricos

Nos últimos dez anos têm surgido dezenas de híbridos intergenéricos, pelo uso de espécies de gêneros diferentes, com nomes cada vez mais complicados. Enquanto somente dois gêneros são usados: ex: *Cattleya* x *Sophronis* = *Sophracattleya*, o resultado é bastante fácil de identificar. Assim que um terceiro ou quarto gênero é usado fica quase impossível criar um

nome usando os nomes dos gêneros envolvidos. São muitas as vezes que um orquidófilo confrontado com híbrido de nome estranho, gostaria de saber o que foi usado na criação dele. Essa lista representa os intergenéricos mais popularmente cultivados e que mais freqüentemente comparecem a exposições e reuniões orquidófilas.

Nome	Abr.	Gênero usado
Aliceara	Alcra	<i>Brassia</i> x <i>Miltonia</i> x <i>Oncidium</i>
Angulocaste	Angcst	<i>Anguloa</i> x <i>Lycaste</i>
Aranda	Aranda	<i>Arachnis</i> x <i>Vanda</i>
Ascocenda	Ascda	<i>Ascocentrum</i> x <i>Vanda</i>
Brassocattleya	Bc	<i>Brassavola</i> x <i>Cattleya</i>
Brassolaelia	Bl	<i>Brassavola</i> x <i>Laelia</i>
Brassolaeliocattleya	Blc	<i>Brassavola</i> x <i>Cattleya</i> x <i>Laelia</i>
Brownara	Bwna	<i>Broughtonia</i> x <i>Cattleya</i> x <i>Diacrium</i>
Cattleytonia	Ctna	<i>Broughtonia</i> x <i>Cattleya</i>
Christieara	Chtra	<i>Aërides</i> x <i>Ascocentrum</i> x <i>Vanda</i>
Colmanara	Colm	<i>Miltonia</i> x <i>Odontoglossum</i> x <i>Oncidium</i>
Doritaenopsis	Dtps	<i>Doritis</i> x <i>Phalaenopsis</i>
Epicattleya	Epc	<i>Cattleya</i> x <i>Epidendrum</i>
Hasegawaara	Hasgw	<i>Brassavola</i> x <i>Broughtonia</i> x <i>Cattleya</i> x <i>Sophronitis</i>
Hawkinsara	Hknsa	<i>Broughtonia</i> x <i>Cattleya</i> x <i>Sophronitis</i>
Laeliocatonia	Lctna	<i>Broughtonia</i> x <i>Cattleya</i> x <i>Laelia</i>
Laeliocattleya	Lc	<i>Cattleya</i> x <i>Laelia</i>
Lowara	Low	<i>Brassavola</i> x <i>Laelia</i> x <i>Sophronitis</i>
Maclellanara	Mclna	<i>Brassia</i> x <i>Odontoglossum</i> x <i>Oncidium</i>
Miltassia	Mtssa	<i>Brassia</i> x <i>Miltonia</i>
Miltonidium	Mtdm	<i>Miltonia</i> x <i>Oncidium</i>
Odontioda	Oda	<i>Cachlioda</i> x <i>Odontoglossum</i>
Odontocidium	Odedn	<i>Odontoglossum</i> x <i>Oncidium</i>
Odontonia	Odtna	<i>Miltonia</i> x <i>Odontoglossum</i>
Otaara	Otr	<i>Brassavola</i> x <i>Broughtonia</i> x <i>Cattleya</i> x <i>Laelia</i>
Potinara	Pot	<i>Brassavola</i> x <i>Cattleya</i> x <i>Laelia</i> x <i>Sophronitis</i>
Rodrietta	Rdtt	<i>Comparettia</i> x <i>Rodriguezia</i>
Sophracattleya	Sc	<i>Cattleya</i> x <i>Sophronitis</i>
Sophrolaelia	Sl	<i>Laelia</i> x <i>Sophronitis</i>
Sophrolaeliocattleya	Slc	<i>Cattleya</i> x <i>Laelia</i> x <i>Sophronitis</i>
Stanfieldara	Sfdra	<i>Epidendrum</i> x <i>Laelia</i> x <i>Sophronitis</i>
Vandaenopsis	Vdnps	<i>Phalaenopsis</i> x <i>Vanda</i>
Vascostylis	Vasco	<i>Ascocentrum</i> x <i>Rhyncostylis</i> x <i>Vanda</i>
Vuylstekeara	Vuyl	<i>Cochlioda</i> x <i>Miltonia</i> x <i>Odontoglossum</i>
Wilsonara	Wils	<i>Cochlioda</i> x <i>Odontoglossum</i> x <i>Oncidium</i>



O Cultivo do Dendrobium Tipo Nobile

Todos os anos em setembro, não posso deixar de pensar, no que acontece a centenas de Dendrobiums do tipo nobile, vendidos em exposições de orquídeas e em lojas de flores. Essas orquídeas estão entre as de mais fácil cultivo e nunca faltam em produzir muitas flores de cores brilhantes, quando adequadamente cultivadas.

O *Dendrobium nobile* foi descrito pela primeira vez por John Lindley, em 1830, baseado numa espécie coletada na China. As várias espécies deste grupo são nativas da Índia, Tailândia, Burma e Indochina. Elas são epífitas por natureza e são encontradas desde as planícies até 1.500m acima do nível do mar, no Himalaia.

Temperatura

As espécies — são tolerantes a uma grande variação de temperatura, com temperaturas mínimas em $\pm 5^{\circ}\text{C}$ e máximas até $\pm 40^{\circ}\text{C}$. Naturalmente uma variação intermediária é mais favorável com um mínimo de $\pm 10^{\circ}\text{C}$ e máximo de $30\text{-}35^{\circ}\text{C}$ produzindo melhores resultados.

Rega

A rega é diretamente relacionada com a temperatura e com a luz. Esses dendrobiums têm folha caduca e quando perdem as folhas

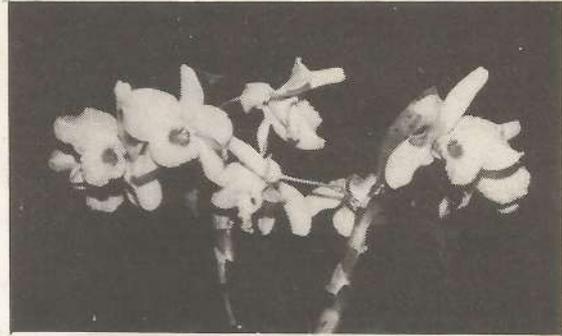
entram num período definido de descanso. De regra, quanto mais frio tanto mais secas as plantas devem ser mantidas, no inverno elas devem ser regadas somente o suficiente para evitar a desidratação, isto é, 2 ou 3 vezes por mês. Se a temperatura cair abaixo de 6°C deve-se parar totalmente a rega. Quando começa a primavera, deve-se gradualmente recomeçar a rega. Uma vez que começa o verão a se firmar e as plantas estiverem em crescimento ativo, a rega pode ser feita quase que diariamente, isso evita a desidratação. Com o outono deve-se reduzir a frequência da rega, começando o ciclo novamente.

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º

Obra n.º

.....
Bibliotecário



Luz

No seu habitat natural, essas plantas estão expostas a uma luz bastante forte e de maneira a obter o máximo da floração de suas plantas, deve-se dar a elas o máximo de luz possível, sem queimar as folhas. Durante o outono e o inverno as plantas podem ficar em plena luz do sol sem medo de danos. Isso vai assegurar excelente floração e promover um bom crescimento. A partir do final da primavera, sombra de 30% é suficiente para evitar que as folhas novas se queimem. Em áreas mais frias — como as regiões serranas ou em áreas com circulação adequada, as plantas podem ser cultivadas em plena luz do sol, durante todo o ano, sem muito problema, lembrando-se é claro da variação das regas.

Adubação

Adubo com baixo teor de nitrogênio pode ser dado às plantas adultas enquanto em crescimento ativo. A partir da metade do verão, quando os brotos começam a amadurecer, tem que se parar a adubação, de maneira a assegurar uma boa floração. Se as canas produzem muitos keikies (brotinhos) em lugar de botões, isto significa ou que muito adubo ou muita água foram dados à planta durante o período de descanso. Para plantas pequenas, um adubo com médio para alto teor de nitrogênio, pode ser dado durante o ano todo para assegurar um crescimento rápido.

Substrato e Envasamento

Xaxim, casca de árvore, musgo e outros substratos usados para Cattleyas podem ser usados também para esses Dendrobiuns.

Vasos de barro são recomendados quando se usa musgo ou xaxim e pequenos vasos de plástico com um substrato que seca rapidamente. As plantas devem ficar apertadas no vaso. Vasos muito grandes causarão apodrecimento das raízes por causa de excesso de água enfraquecendo assim a planta.

As plantas podem ser divididas quando as novas raízes começarem a se mostrar, e, deve-se tomar cuidado para não machucar a ponta verde da raiz. Se a temperatura noturna ainda cair abaixo dos 13°C, adie a divisão e envasamento das suas plantas.

Somente plantas com 8 ou mais canas devem ser divididas, caso contrário os novos brotos serão raquíticos e levará tempo para que recuperem de novo a floração. Depois do envasamento as plantas devem ser mantidas secas por 2-3 semanas, borrifando cada 3-4 dias só o bastante para umedecer o substrato. Quando as novas raízes começarem a crescer novamente, a rega volta ao normal. Invariavelmente.

Caso keikies (brotinhos) se formem ao longo das canas, deixe-os até que um segundo broto amadureça; só então eles podem ser removidos da cana e plantados normalmente.

Floração

A maior parte dos Dendrobiuns do tipo nobile floresce na primavera e se a planta foi bem cultivada, a cana do ano anterior deve ficar coberta de flores.

Freqüentemente isso não acontece devido a vários fatores:

- luz insuficiente;
- muita água no período de descanso;
- as plantas não foram expostas a temperaturas baixas. Sem um grande diferencial de temperatura entre inverno e verão, as plantas não terão uma floração boa. Em vez disso crescerão rapidamente e produzirão grande quantidade de keikies.

equilab[®]



as melhores espécies
de orquídeas brasileiras
reproduzidas por clonagem
ou sementeira.

solicite nosso catálogo
caixa postal 132
13.100 campinas - sp
tel. (019) 41 1899
telex. (019) 1183

Como introdução ao mundo do Paphiopedilum, nada melhor do que o híbrido Paphiopedilum Delrosi, que é resultado do cruzamento de Paphiopedilum Rothschildianum com delenatii. A primeira espécie produz uma haste alta, como flores de até 30cm de largura, e, a segunda, produz flores de mais ou menos 10cm com uma coloração rosa muito delicada. A combinação resultou numa flor muito bonita. Ela varia de tons de rosa com veios bem escuros e as flores são bastante grandes com uma largura de até 20cm e bem duradouras.

